

**HS-120/S - TÓPICOS ESPECIAIS EM ANTROPOLOG****FANTASIAS CORPORAIS**

Créditos: 12      Vagas: 20  
3ª feira – 14:00 às 18:00 horas

**Profa. Dra. Mariza Corrêa**

**2º SEMESTRE 2002**

**Fantasia corporais**

— Este curso pretende analisar três exemplos de intervenção sobre o corpo humano justificadas por crenças culturais: as mutilações genitais, o *sati* e os assim chamados crimes de honra. Ainda que essas três instâncias tenham sido objeto da análise antropológica, como se verá no decorrer do semestre, nunca foram tratadas em conjunto; as mutilações genitais, com ênfase na mutilação genital feminina praticada em países do Norte da África, e o *sati* – a queima da viúva na pira funerária de seu marido na Índia – foram algumas vezes analisadas no contexto da análise de rituais, e todas vem sendo objeto da mobilização feminista, seja nos seus países de origem, seja nos países ocidentais. A ênfase na mutilação genital feminina praticada em países islâmicos, no debate sobre a mutilação genital, tem deixado de lado, além disso, o fato de que a mutilação genital é largamente praticada nos países ocidentais, seja em situações rituais religiosas, seja por razões médicas, ou ainda pela sua prática, bem estabelecida em alguns países, nas comunidades de imigrantes de países de cuja tradição ela fazia ou faz parte. Quanto aos chamados crimes de honra, cuja tradição na análise antropológica no contexto de uma linha de pesquisas sobre as culturas mediterrâneas é bem estabelecida, e o recurso à noção de honra em vários outros países, inclusive o Brasil, para justificar o assassinato de mulheres por seus familiares ou cônjuges, sua prática tem chamado mais a atenção, contemporaneamente, de pesquisadores da área jurídica e de organizações de direitos humanos, aí incluídas as observações rotineiramente levadas a efeito pela ONU sobre a situação da mulher em todos os países do mundo. O objetivo da segunda parte do curso é tanto fazer um levantamento dessas práticas como avaliar o contexto no qual elas têm sido discutidas – local e internacionalmente.

Tratar desses casos em conjunto coloca, de saída, o problema do risco de 'orientalização' de tais práticas: risco político e teórico, ao apontar para sua prevalência em países muçulmanos, e de analisá-las desde uma ótica 'ocidental'. A primeira parte do curso é, assim, uma tentativa, se não de evitar esse risco, ao menos de colocá-lo no centro da discussão, a partir de três tradições ocidentais e sua produção a respeito da intervenção sobre o corpo humano: o feminismo, a antropologia e a psicanálise. É claro que não há *uma* postura feminista, *uma* postura antropológica ou *uma* postura psicanalítica a respeito desta problemática: como em relação a todas as outras, as opiniões variam. Mas creio que é possível estabelecer algumas

conexões, seja no interior dessas três tradições da cultura ocidental, seja entre elas, que permita mostrar um certo patamar comum a todas na análise dessa questão. Como o feminismo, ou antes, várias correntes do feminismo, têm dialogado tanto com a antropologia quanto com a psicanálise, começo tentando recuperar os pontos desses diálogos que possam ajudar na constituição do que estou chamando um patamar comum, que será, penso, antes um ponto de partida teórico, digamos assim, do que outra coisa. Este ponto de partida teórico poderia ser definido em torno das discussões a respeito do corpo e da sexualidade naquelas três tradições: é quando discute os usos sociais do corpo que a antropologia vai definindo uma área de diálogo seja com o feminismo, seja com a psicanálise; é quando discute o uso do corpo feminino que o feminismo vai definindo uma área de diálogo com a antropologia e a psicanálise e é quando discute os usos simbólicos do corpo que a psicanálise vai definindo uma área de diálogo com a antropologia e o feminismo. Nem todas as discussões a respeito do uso do corpo nas sociedades humanas – seja para simbolizar o social, como quer Mary Douglas, seja para denunciar a violência contra mulheres, como querem várias correntes feministas, ou para ancorar o universo simbólico, como quer Freud – incidem sobre a questão da sexualidade, mas em boa parte dos casos isso acontece e quando acontece merece atenção aqui.

Uma tensão teórica mais abrangente é o pano de fundo dessa discussão: a tensão entre o que se poderia chamar, de maneira mais geral, de universalismo e relativismo. Esta mesma tensão está presente também no interior daquelas três tradições e quase se poderia dizer que é parte constitutiva do que estou chamando, à falta de um nome melhor, de um patamar comum entre elas. Pois é no âmbito do pensamento científico ocidental, em suas várias vertentes disciplinares, que se constituiu a possibilidade do estabelecimento de leis biológicas, lingüísticas e psíquicas com validade universal, bem como sua crítica radical, o relativismo cultural. Vários autores já apontaram para o fato de que a adesão ao relativismo cultural, no limite, impossibilitaria o próprio empreendimento antropológico: se somos todos prisioneiros de nossa cultura, como compreender a alheia? Quero crer que longe de poder ser resolvida, esta tensão marca de maneira particular as três tradições das quais estaremos tratando aqui: seja no caso do feminismo, da psicanálise ou da antropologia, todas tradições filhas de uma tradição cultural mais ampla que se convencionou chamar de ocidental – ainda que nem todos os seus expoentes sejam ocidentais, a começar pelo fundador da tradição cristã – é nos interstícios desta tensão, ou nas possíveis brechas abertas por ela, que vão se travar os debates mais interessantes no interior dessas disciplinas e entre elas.